

Qualidade no Ensino



Horácio Almendra (horacio.almendra@iqe.org.br)

Colaboração: Maria Helena Braga, Maria Sidalina Gouveia, Cristina Luiza Garbuio, Maria Teresinha Figueiredo e José Gayoso.

O desprestígio da leitura do jornal em sala de aula

Maria das Graças Vieira Lins

Coordenadora de Língua Portuguesa em Pernambuco do IQE – Instituto Qualidade no Ensino (www.iqe.org.br)

“Professora, jornal é coisa pra gente velha!”. Essa é uma reação muito comum de nossos estudantes, quando há sugestões de atividades que envolvem a leitura do jornal em sala de aula. Para esses jovens, toda escrita que não estiver em suportes como o “tablet”, celulares, “smartphones” é coisa do passado.

Trata-se de um comportamento preocupante, uma vez que, atualmente, as demandas sociais de leitura exigem do aluno capacidades de letramento em que diferentes linguagens articulam-se na atribuição de sentidos, a exemplo dos textos chamados multimodais – textos verbais e não verbais – que podem ser impressos ou digitais e constituem diversos gêneros textuais. Assim, a nossa Língua Portuguesa tem diferentes modos de representação e a escrita é uma das modalidades.

Neste artigo, convidamos o leitor de jornais impressos a observar que, desde a primeira página, de qualquer jornal publicado diariamente, é possível ler, além das notícias e reportagens veiculadas, imagens, informações, gráficos que o torna um real suporte de gêneros multimodais por excelência. Entretanto, a visão equivocada por parte dos estudantes, a nosso ver, origina-se da falta de leitura e mesmo da inadequada exploração desse suporte em sala de aula.

Para Schnewly (2004), a primeira página de um jornal é um gênero multimodal e o jornal, enquanto suporte, configura-se como um “megainstrumento” para o ensino e aprendizagem da Língua. É possível, portanto, identificar vários gêneros em um

mesmo jornal: notícia, legenda das fotos, charge, resenha de filmes e outros produtos culturais, artigo de opinião, editorial, carta do leitor, ensaio, infográfico, reportagem, quadrinho, crônica literária e futebolística, até mesmo o horóscopo do dia. Enfim, que outro suporte se compara ao jornal para veicular gêneros tão diversos?

Quanto à notícia, entendemos que é um gênero textual que deve fazer parte das práticas de leitura, em sala de aula, já nos anos iniciais, com a intervenção do professor e pelo próprio aluno quando realiza, de forma autônoma, a leitura de legendas, títulos e, posteriormente, a composição organizacional do gênero. Nos anos subsequentes, passa a compreender a sua estrutura em formato de “pirâmide invertida”, em que o primeiro parágrafo, chamado lide, deve responder às perguntas sobre o que aconteceu? Onde? Com quem? Como? e os demais parágrafos devem relatar detalhes de menor importância.

É através da notícia, criteriosa e não tendenciosa, que tomamos conhecimento das ocorrências cotidianas que são ponto de partida para discussões sobre os direitos do cidadão, o consumo, a política, os eventos culturais etc.

Em sala de aula, o manuseio do jornal em sua originalidade, e não em cópias, as situações didáticas de leitura do gênero notícia permitem uma aprendizagem rica e significativa, a partir da análise e reflexão sobre a Língua, favorecendo a construção da criticidade do aluno-leitor.

Por exemplo, a discussão sobre a subjetividade e a objetividade da notícia.

Apesar da importância da objetividade na notícia, permitindo que o leitor possa formar suas próprias opiniões sobre os fatos relatados, a atividade jornalística é a que melhor exemplifica o exercício do “poder simbólico”, que conforme Pierre Bourdieu, respeitado sociólogo contemporâneo, é o poder de retratar pessoas, podendo fazer ou desfazer reputações. A exemplo, a cobertura jornalística aos grandes escândalos políticos, como a

renúncia de Richard Nixon, 1974, o suicídio de Vargas em 1954 e o “impeachment”, em 1992 do então presidente, Fernando Collor, denotam o poder simbólico da mídia impressa. Ou ainda a presença exaustiva da mídia até na mudança de leis, a exemplo da lei que trata sobre a maioria penal, cujos episódios passam a ser analisados e ditados pela imprensa que os publica com toda a carga de subjetivismo e tendenciosidade.

Trazendo essas considerações para a ambiência da sala de aula, e entendendo que a notícia é um relato sucinto de fatos inéditos e apresenta uma estrutura fixa de fácil compreensão para o leitor, é de estranhar que se trate de um gênero sobre o qual grande parte dos alunos, sobretudo dos anos finais do ensino fundamental, não demonstrem interesse pela leitura. Até porque, o jornal divulga diferentes assuntos como gastronomia, turismo, entretenimento, cultura, tecnologia e é inacreditável que nenhum desses interessem ao jovem leitor.

É preciso que o aluno-leitor desenvolva habilidades de compreensão e interpretação, reconhecendo e identificando as diferentes vozes presentes na notícia, realize reflexões críticas, seja capaz de distinguir um fato de uma opinião relativa a esse fato e perceba o papel dos recursos não verbais na construção do sentido da notícia.

Enfim, a ausência da leitura desses gêneros em sala de aula, também se deve ao fato de muitos professores não lerem jornais, sequer nos finais de semana e mesmo, desconhecem a importância da valorização desses gêneros para a participação do estudante no meio social, compreendendo o que preconiza a atual Base Nacional Curricular Comum, em sua 2ª versão, abril/2016, no que se refere ao “Eixo Escrita, Campo Político-Cidadão, campo de atuação relativo à participação em situações de produção escrita, especialmente de textos das esferas jornalística, publicitária, política, jurídica e reivindicatória, contemplando temas que impactam a cidadania e o exercício de direitos” (p.362).